

# LIMEIRA ESPIRITA

Nº 220 | SETEMBRO/OUTUBRO | 2020 | ORGÃO DE PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

35  
ANOS



## TRANSFORMANDO O PRÓPRIO DESTINO

Aprendemos, com a Doutrina Espírita, que temos a tendência de acharmos mais simples e menos humilhante, para nosso amor próprio, atribuir nossos fracassos à sorte ou ao “destino” que aos nossos próprios erros.

Costumamos responsabilizar o destino pelo que apenas é, tantas vezes, consequência de nossas próprias faltas, fruto do uso que fizemos de nosso livre arbítrio.

O problema é assim resumido pela Doutrina, conforme se lê na questão 872 de *O Livro dos Espíritos*: o ser humano não é fatalmente conduzido ao mal. Os atos que pratica não estavam “escritos” antecipadamente e mesmo os crimes que venha a cometer um indivíduo, não são o resultado de um “decreto do destino”.

O Espírito pode, como prova e como expiação, escolher uma existência em que se sentirá arrastado para o crime, seja pelo meio em que vive, seja pelas circunstâncias, mas sempre livre de agir ou não agir.

Se nos acontece algo infeliz, devemos encarar essas ocorrências como provas que devemos prestar, escolhidas por nós, com ajuda de Bons Espíritos. E, mesmo que tenhamos sido influenciados a agir de forma negativa, não podemos negar responsabilidade, porque sempre podemos fugir a essas influências, se quisermos, como nos explica a questão 852 da obra referida.

As provas que selecionamos, no intervalo de nossas encarnações, estão, portanto, de acordo com a natureza de nossas faltas e são necessárias para as expiarmos, progredindo mais depressa.

É assim que uns se impõem uma vida de misérias e privações, objetivando suportá-las com coragem; outros se acham mais capazes de experimentar as tentações da riqueza e do poder (aliás, muito mais perigosas) e outros tantos se decidem a testar suas forças nas lutas que terão que sustentar em contato com o vício.

CONTINUA NA PG. 2

**FINADOS NA VISÃO ESPÍRITA:  
PRECISAM OS DESENCARNADOS  
DE HOMENAGENS?**

Pág. 4

**O TAMANHO DA  
PREGUIÇA**

Pág. 5

**MEDIUNIDADE**

Pág. 6

### **Explica-nos a saudosa escritora Therezinha Oliveira:**

“O único destino fatal que Deus criou para todos os Espíritos é o de se aperfeiçoarem incessantemente, usufruindo cada vez mais felicidades. Porém, ao longo das existências, cada qual construiu para si mesmo situações, necessidades e deveres particulares. Esse é o seu **destino pessoal** (Iniciação ao Espiritismo, p. 142).

Assim, orienta-nos ela, devemos nos lançar à boa luta da evolução, nos esforçando para enfrentar as dificuldades, evitando o mal e praticando o bem.

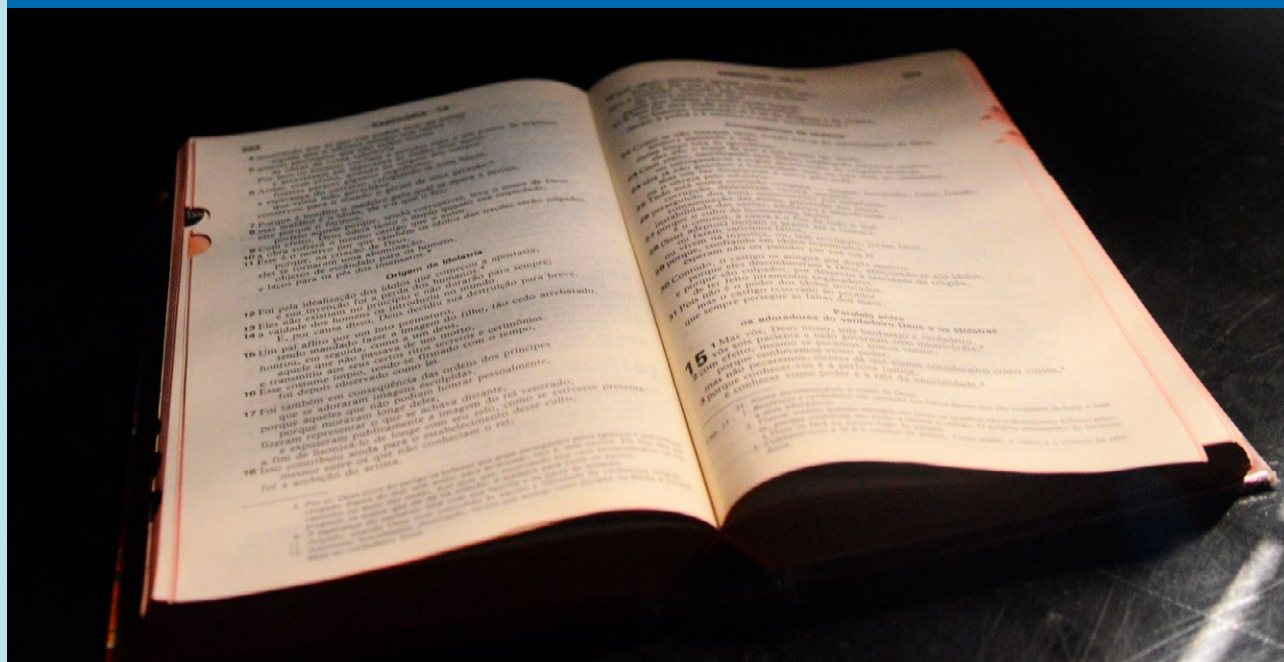
E diante das expiações que surgirem, que possamos sofrê-las com paciência e resignação, empenhando-nos em fazer todo o bem possível, para compensar o mal anteriormente

praticado. É o único meio de, gradual e progressivamente, transformarmos o próprio destino para melhor.

Neste sentido, nunca será demais recordar as sublimes palavras do Cristo: “entraí pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem (Mt. 7:13-14).

Pode ser que tenhamos pela frente muitas dificuldades a enfrentar, na programação por nós escolhida, mas seguindo essa orientação do Mestre, de consciência limpa, já nos sentiremos consolados.

## PSICOLOGIA E EVANGELHO



As ciências psicológicas atualmente contam com diversos sistema de orientação com que pretendem guiar para a felicidade.

Nesse sentido, numerosas publicações correm mundo.

Livros para a descoberta do êxito, relacionando indicações para conduta e vantagem.

Manuais de otimismo, estabelecendo princípios de bom ânimo...

Compêndios filosóficos, propondo soluções aos problemas da depressão...

Tratados de psicanálise, endereçados à supressão dos conflitos emocionais...

Cartilhas de boas maneiras para a conquista de simpatia e cooperação...

E, por isso, arremetiam-se especialistas e estudiosos, comandando legiões de obreiros na Psicoterapia.

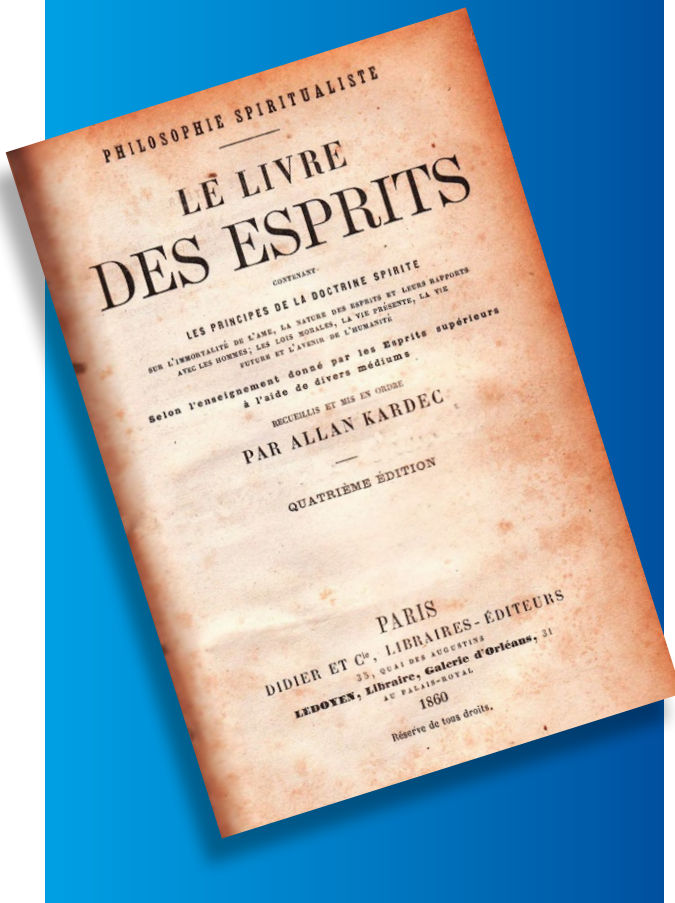
Cientistas, religiosos, professores e técnicos ensinam processos de autocondicionamento, objetivando a euforia ou o destaque da personalidade. E todos eles – os que se esmeram no esforço da educação – avançam em rumo certo,

aformoseando a face da existência terrestre, seja controlando os impulsos primitivistas da alma ou lubrificando o mecanismo das relações.

Importa reconhecer, porém, com o Evangelho do Cristo, que a vitória desses empreendimentos depende da regra áurea, aplicada na experiência de cada um: “faze aos outros o que desejas que os outros te façam”.

A base de toda a terapêutica, destinada à garantia da sanidade de consciência, fundamenta-se na tarefa de compreender e auxiliar os nossos semelhantes, como esperamos que os nossos semelhantes nos compreendam e auxiliem. De outro modo, as receitas de êxito exterior funcionarão exclusivamente ao modo das instruções que prevalecem para o asseio físico. O homem necessita de banho e não passará sem ele, se guarda fidelidade à higiene; mas, se o homem elege a criminalidade como sendo a norma da própria vida, por mais se ilumine ou se limpe por fora, carregará, por dentro, a sombra e a desorientação do mesmo jeito.

# PERGUNTAS QUE NOS FAZEM?



**176. Os Espíritos, depois de se haverem encarnado em outros mundos, podem encarnar-se neste, sem jamais terem passado por aqui?**

— Sim, como vós em outros globos. Todos os mundos são solidários; o que não se faz num, pode-se fazer noutro.

**176 – a) Assim, existem homens que estão na Terra pela primeira vez?**

— Há muitos, e em diversos graus.

**176 – b) Pode-se reconhecer, por um sinal qualquer, quando um Espírito se encontra pela primeira vez na Terra?**

— Isso não teria nenhuma utilidade.

**177. Para chegar à perfeição e à felicidade suprema, que é o objetivo final de todos os homens, o Espírito deve passar pela série de todos os mundos que existem no Universo?**

— Não, porque há muitos mundos que se encontram no mesmo grau e onde os Espíritos nada aprenderiam de novo.

**177 a) Como então explicar a pluralidade de sua existência num mesmo globo?**

— Eles podem ali se encontrar de cada vez, em posições bastante diferentes, que serão outras tantas ocasiões de adquirir experiência.

**178. Os Espíritos podem renascer corporalmente num mundo relativamente inferior àquele em que já viveram?**

— Sim, quando têm uma missão a cumprir, para ajudar o progresso; e então aceitam com alegria as tribulações dessa existência porque lhes fornecem um meio de se adiantarem.

**178 – a) Isso não pode também acontecer como expiação, e Deus não pode enviar os Espíritos rebeldes a mundo inferiores?**

— Os Espíritos podem permanecer estacionários, mas nunca retrogradar; sua punição, pois, é a de não avançar e ter recomençar as existências mal empregadas, no meio que convém à sua natureza.

**178 – b) Quais são os que devem recomençar a mesma existência?**

— Os que faliram em sua missão ou em suas provas.

## LIVRO SEGUNDO - MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS

### CAP. 4 – PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS

#### III - ENCARNAÇÃO NOS DIFERENTES MUNDOS

**174. É uma necessidade reviver na Terra?**

— Não. Mas, se não progredirdes, podeis ir para outro mundo que não seja melhor, e que pode mesmo ser pior.

**175. Há vantagem em voltar a viver na Terra?**

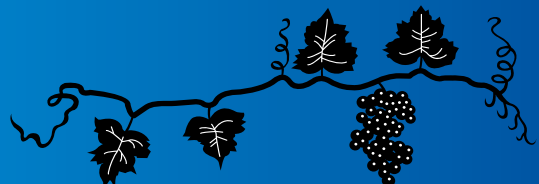
— Nenhuma vantagem particular, a não ser que se venha em missão, pois então se progride, como em qualquer outro mundo.

**175 – a) Não seria melhor continuar como Espírito?**

— Não, não! Ficar-se-ia estacionário, e o que se quer é avançar para Deus.

*Os homens semeiam na terra o que colherão na vida espiritual: os frutos da sua coragem ou da sua fraqueza.*

*Allan Kardec*



## FINADOS NA VISÃO ESPÍRITA: PRECISAM OS DESENCARNADOS DE HOMENAGENS?



O termo “finados” vem de finar, findar, acabar. É o fim do **corpo físico**. Porém, desde a antiguidade, o culto a memória dos mortos é celebrado por diversos povos e religiões, expressando a crença na continuidade da vida após a morte, na imortalidade da alma. E sabemos: a morte não é o fim!

Mas será que um dia em especial, geralmente celebrado em 2 de novembro, em que se rendam homenagens aos que já retornaram a Pátria espiritual, os comoveria de maneira mais intensa? Esta foi a indagação do codificador na questão 321, de O Livro dos Espíritos: “*O dia da comemoração dos mortos é, para os Espíritos, mais solene do que os outros dias? Apraz-lhes ir ao encontro dos que vão orar nos cemitérios sobre seus túmulos? Ao que obteve a seguinte resposta: “Os Espíritos acodem nesse dia ao chamado dos que da Terra lhes dirigem seus pensamentos, como o fazem noutro dia qualquer.”*”

Erra quem imagina que uma multidão de curiosos poderia atrair os desencarnados ao cemitério. Eles ali comparecem, pelos corações queridos que os chamam pelos pensamentos, não pelos indiferentes que muitas vezes estão apenas a “passar o tempo”. Ainda afirmam os Espíritos Superiores a Kardec, que ... *a visita é a representação exterior de um fato íntimo. (...) a prece é que santifica o ato da rememoração. Nada importa o lugar, desde que seja feita com o coração (O Livro dos Espíritos, questão 323).*

Perceberemos, portanto, que, o que sensibiliza o Espírito não é a visita a sepultura onde ficaram suas vestes carnis, mas a lembrança fraterna e a prece sincera daqueles que permaneceram na Terra, o que pode ser feito a qualquer momento e em qualquer lugar.

As flores, as velas, o mármore e os demais aparatos que frequentemente lhes são oferecidos em memória nos frios cemitérios, poderiam trazer mais proveito para o espírito, se fossem convertidos em alimentos e socorro providencial aos necessitados, fazendo elevar aos céus doces vibrações de gratidão que certamente lhes serviriam como bálsamo.

Nos sugere Calligaris em “Páginas de Espiritismo Cristão”(Cap. VIII) que “em vez de visitarmos o local (...)onde

*eles somente se fazem presentes quando atraídos pela mensagem de nossos pensamentos, pela nossa prece quente e comovida, visitemos, em sua memória, os cárceres, os asilos, os orfanatos, as enfermarias dos hospitais e instituições outras em que haja irmãos nossos carecidos de amor, compreensão e carinho. Levemos a esses infelizes o nosso óbolo, a nossa solidariedade cristã, a nossa palavra de conforto e de esperança, formando, com as flores imarcescíveis da caridade, o ramalhete com que renderemos aos nossos mortos queridos o preito sincero de nossa imensa e imorredoura saudade!*

Jesus nos deixou o exemplo, quando seu túmulo ficou vazio. Foi ao encontro dos apóstolos, exortando-os a seguir, estimulando-os na tarefa do bem. Aí definiu qual deve ser nossa postura frente as homenagens aos que deixaram a carne: onde estivermos socorrendo os necessitados em sua memória, aí estarão conosco, sob a proteção abençoada do Mestre.

Não devemos, portanto, transformar os cemitérios em “salas de visita do além”. Que os nossos queridos que nos precederam na verdadeira vida, possam ser lembrados com amor, com saudades, mas sem tristeza e desespero, que acabam por lhes perturbar e causar sofrimento. Que nesse dia, como em todos os outros, sentida prece se eleve aos céus, agradecendo ao Criador pela oportunidade de convivência, que as flores de saudades sejam as doces lembranças dos momentos compartilhados com aqueles que amamos. *Sentiremos então, a presença deles entre nós, envolvendo suavemente nossos corações com cariciosos perfumes de alegria e paz.*

### Fonte:

O Livro dos Espíritos

Quem tem medo da morte? - Richard Simonetti

Páginas de Espiritismo Cristão - Rodolfo Calligaris

Espiritismo passo a passo com Kardec. - Christiano Torchi.



## O TAMANHO DA PREGUIÇA

Quando estávamos fundando o Grupo Espírita da Paz, a generosidade de um coração amigo nos doou o terreno, o material e a mão de obra.

A única coisa que fiz foi dizer mais ou menos como gostaria que o Centro fosse: um pequeno salão, uma câmara de passes e uma pequena cozinha.

Mas nosso amigo, acostumado a grandes construções, foi aumentando. O salão teria sete por doze metros, uma sala para passes, um escritório, uma cozinha, outra sala mais e uma despensa.

Quando vi a planta, comecei a reclamar e a dizer que o Centro ia ficar muito grande e que não queria um Centro daquele tamanho. Disse-lhe que Allan Kardec havia recomendado que os Centros Espíritas deveriam ser muitos e pequenos, ao invés de grandes e poucos e que havia ouvido o Chico Xavier dizer que “em casa que muito cresce, o amor desaparece”.

Diante de minha impertinência, o generoso amigo disse:

- Então, vamos levar a planta ao Chico Xavier e o que ele disser faremos. Concorda?

- Não estou tão louco assim a ponto de discordar do Chico, respondi.

E lá fomos nós.

Após olhar demoradamente a planta, sob as explicações do bondoso amigo, o Chico considerou que o tamanho estava bom, fez mais algumas observações, depois voltou-se para mim e disse:

- Sabe, Deco, o rei Gustavo, quando assumiu o trono da Suécia, lembrou-se de um amigo da infância que havia seguido a carreira religiosa. Mandou chamá-lo e disse-lhe que pretendia nomeá-lo pastor ou ministro religioso de Estocolmo. Mas o amigo não estava muito disposto a

aceitar. O rei insistia e a resposta era sempre não. Depois de algum tempo, o rei disse:

- Está bem, Fulano. Penso que não devo obrigá-lo, mas me diz então, o que é que você quer? Que posso fazer por você?

O religioso respondeu:

- O senhor se lembra daquele local em que brincávamos na infância, onde havia um bosque e um pequeno riacho?

Ante a resposta afirmativa do Rei, o amigo continuou:

- Lá se desenvolveu uma pequena aldeia. O lugar é bonito e tranquilo e gostaria que o senhor me nomeasse pastor daquele local.

O Rei, então, lhe respondeu:

- Ah! Fulano, se eu pudesse, gostaria de ser o carteiro dessa aldeia.

O Chico terminou a história aí. Sem mais, nem menos. Então, cometi a bobagem de dizer:

- Chico, não entendi.

- Não? disse-me ele. O religioso estava com muita preguiça. Não queria uma cidade grande, porque ia ser muito procurado, ia ter que atender muita gente e iria ter muito trabalho.

Senti tanta vergonha que minha vontade era sair dali correndo.

Na viagem de volta, disse ao meu amigo:

- Se quiser, pode fazer um Centro de dois ou três andares.



## MEDIUNIDADE

No dia de Pentecostes, Jerusalém estava repleta de forasteiros. Filhos da Mesopotâmia, da Frígia, da Líbia, do Egito, cretenses, árabes, partos e romanos se aglomeravam na praça extensa, quando os discípulos humildes do Nazareno anunciaram a Boa-Nova, atendendo a cada grupo da multidão em seu idioma particular.

Uma onda de surpresa e de alegria invadiu o espírito geral.

Não faltaram os cépticos, no divino concerto, atribuindo à loucura e à embriaguez a revelação observada. Simão Pedro destaca-se e esclarece que se trata da luz prometida pelos céus à escuridão da carne.

Desde esse dia, as claridades do Pentecostes jorraram sobre o mundo, incessantemente. Até aí, os discípulos eram frágeis e indecisos, mas, dessa hora em diante, quebram as influências do meio, curam os doentes, levantam o espírito dos infelizes, falam aos reis da Terra em nome do Senhor.

O poder de Jesus se lhes comunicara às energias reduzidas.

Estabelecer-se a era da mediunidade, alicerce de todas as realizações do Cristianismo, através dos séculos.

Contra o seu influxo, trabalham, até hoje, os prejuízos morais que avassalam os caminhos do homem, mas é sobre a mediunidade, gloriosa luz dos céus oferecida às criaturas, no Pentecostes, que se edificam as construções espirituais de todas as comunidades sinceras da Doutrina do Cristo e é ainda ela que, dilatada dos Apóstolos ao círculo de todos os homens, ressurge no Espiritismo cristão, como a alma imortal do Cristianismo Redivivo.

*Fonte: Caminho, verdade e vida. Psicografia de Francisco Candido Xavier pelo espírito Emmanuel.*